

# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2015 - ANO XXXIV, NÚMERO 8

## PEQUENOS ADULTOS

O Zero viajou ao Oeste de SC para entender a cultura que permite o trabalho de crianças e adolescentes no segundo estado com mais casos registrados no país. **Pág 7, 8 e 9**

### MEIA-ENTRADA

Entenda o que muda com a regularização das carteirinhas unificadas. **Pág 4 e 5**

### SITUAÇÃO DE RUA

Entre lixo e violência, a magia da cidade acaba para alguns. **Pág 12 e 13**



Os jovens trabalham seis horas por dia, sem equipamento de proteção

## SOCIEDADE

# A naturalização do trabalho infantil em SC

O estado é o segundo que tem mais crianças e adolescentes em condição de trabalho; a situação é comum tanto no campo quanto na cidade



**T**rês vezes por semana, os irmãos Felipe\* e Diogo\* ficam sujos de carvão após as seis horas de trabalho na empresa Carvão Nobre, sem qualquer proteção, em uma carvoaria no interior de Vargem, cidade de três mil habitantes no Oeste catarinense, 35 km distante de Campos Novos. Pela cidade, fala-se que o local onde embalam os carvões está desativado. Até mesmo um dos dois únicos policiais militares do local confirma a informação equivocada. O galpão de madeira fica nos fundos da casa do proprietário, rodeado por árvores e barrancos, às margens de um dos rios da cidade. Uma lona laranja protege da chuva o carvão e a máquina que fecha os pacotes, mas dos lados do galpão não há proteção alguma. O trabalho segue normalmente, apenas os fornos parecem desativados. Ninguém faz a supervisão do trabalho dos dois adolescentes. A pessoa mais próxima do lugar é o filho do dono da empresa que tem 17 anos, a mesma idade de Felipe, o irmão mais velho. Enquanto os dois trabalhavam, o filho do empresário estava dentro de casa usando computador.

A matéria-prima chega embalada em sacos plásticos com cerca de 20kg. Os meninos ficam encarregados de fazer a classificação do carvão, separando em pedaços menores e retirando o excesso de fragmentos, além de encher os pacotes e lacrá-los. Depois colocam tudo na caçamba de um caminhão para ser distribuído em outras cidades. Ao lotar o carregamento, o expediente chega ao fim. Até pouco tempo, a máquina que lacrava os pacotes dava choques. Para resolver o problema, a solução encontrada foi colocar uma madeira como isolante. Os irmãos recebem R\$ 50 por dia de trabalho. Mais do que recebiam no cultivo de fumo: R\$ 35. “No início, foi difícil me acostumar, mas hoje é só tomar um banho”, conta Felipe, desconsiderando em seu relato os efeitos que o contato direto com o pó do carvão causa nas vias respiratórias.

Felipe começou a trabalhar aos 12 anos em uma plantação de fumo, propriedade de uma família vizinha. Ali, a exploração do trabalho infantil durou por um ano. O trabalho de menores de 18 anos em atividades que envolvam esforço físico intenso, exposição a agrotóxicos e substâncias tóxicas são proibidos e fazem parte da lista

das piores formas de trabalho. Em vigor desde 2000, o decreto Nº 6.481 proíbe que crianças e adolescentes estejam envolvidos em atividades que constam na lista. Para o garoto, ter deixado o fumo pelo carvão lhe pareceu uma mudança vantajosa: trabalho menos exaustivo e um aumento no pagamento. Hoje, Felipe sonha em ter carteira assinada e trabalhar em um frigorífico. Por terem aula em período integral, três vezes por semana, no programa Ensino Médio Inovador, eles intercalam o trabalho com a escola. Os meninos não pararam a atividade para conversar: tinham pressa em terminar o carregamento antes da chegada do dono. Diogo, o mais novo e mais tímido, começou a trabalhar no ano passado e, diferente do irmão, não vê grandes atrativos na escola. Não lembra mais se foi reprovado. Na última compra de mercado que a família fez, os meninos ajudaram com R\$ 290 e contam a novidade com orgulho. Por mês, juntos, ganham R\$ 800. Dizem que começaram a trabalhar não por necessidade, mas para ganhar o próprio dinheiro desde cedo e ainda conseguir ajudar em casa. Eles têm uma explicação para isso: “Quem ajuda a comer pode ajudar a pagar”.

## OS NÚMEROS DO TRABALHO INFANTIL NO BRASIL VINHAM DIMINUINDO NOS ÚLTIMOS ANOS, MAS AUMENTARAM QUASE 10% EM 2014



Fotos: Dener Alano/Zero



Em outra propriedade a produção de carvão pode ser percebida de longe por causa da fumaça causada pela queima da madeira que é vista desde a BR-282, rodovia que liga Florianópolis ao interior do estado. Com acesso por uma estradinha de terra, chega-se a casa de uma família encarregada de colocar a madeira dentro de quatro fornos. De lá, são retirados em média 113 sacos de 20kg de carvão a cada queimada, que depois são transferidos para sacos menores de 3kg. Cada pacote é vendido no mercado por cerca de R\$ 5. Em meio a mata, no alto de um barranco, a pergunta “quem trabalha aqui?” é respondida por João Jair, 38 anos, da seguinte forma: “minha família”. Em seguida, o homem garante que apenas trabalham com a produção o pai e o filho, que teria 18 anos. O garoto voltou a estudar recentemente, pois o Conselho Tutelar recebeu a denúncia de que ele estava trabalhando. Por conta dos anos de serviço durante a adolescência, ele ainda está no nono ano. O rendimento mensal da família, de seis pessoas, sem os benefícios sociais do governo, é de R\$ 1.300. O dono da empresa convenceu Jair a sair do Paraná, onde produzia carvão há 12 anos, e trabalhar, sem carteira assinada, na Vargem, em troca de R\$ 20 pelo metro de madeira, e uma casa para morar com sua família.

A conselheira tutelar de Vargem, Marivane Nazário, relata que o único caso de denúncia de trabalho infantil em que atuou foi em relação a um menino de 13 anos que passava veneno nas madeiras da Serraria da cidade. “Se tem criança trabalhando, os vizinhos ligam na hora. Todos têm medo do Conselho Tutelar e costumam acatar”. “Mas uma coisa é trabalho infantil, outra é exploração ou escravidão. O problema é o trabalho que acontece mediante apanhar”, amenizando o caso da Serraria, onde não enxerga a exploração. Para o procurador chefe do Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina é considerado trabalho infantil quando “a criança começa a produzir para a família ou para quem emprega e não quando acompanha alguém para ver como é feito”. O procurador também afirma que em casos de trabalho irregular o Ministério Público retira as crianças e encaminha para projetos sociais. O MP instaura uma investigação para apurar os fatos. Nas ruas da cidade, paramos jovens para conversar sobre suas experiências com o trabalho. Todos relataram terem começado a trabalhar antes dos 18 anos, muitos já aos 14. A primeira função geralmente é na lavoura de fumo ou na construção civil. Todos os relatos fazem referência a ganhos menores que um salário mínimo, informais e com jornadas de trabalho integrais. Não é apenas nas zonas rurais que o trabalho infantil não é uma exceção.

A 5km da margem da BR- 282, moram duas famílias que se-

guem o modelo de agricultura familiar de Santa Catarina. Jennifer\* é filha de família vende para a empresa Tí laticínios cerca de seis mil litros de leite hoje tem 11 anos, começou a ajudar a cola no período da manhã e à tarde o trabalho tem que ser feito duas vezes. O leite pode causar mastite nos animais, formada pela avó, mãe grávida Auxilia na ordenha, na alimentação e limpeza do estábulo. O primo de Jennifer é mais próxima da menina nas redes da família desde os sete anos. Quando produziam leite, mas, com o aumento do produto, migraram para a criação de um gado sossegado, antes era muito caótico tem que ficar abaixado por bastante tempo. Em novembro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), que todo ano desenvolve uma pesquisa econômica e social dos brasileiros. Os dados mostram que estavam diminuindo na última década o número de crianças expostas a essa condição. A pesquisa ainda mostra que a idade média das crianças que trabalham é de 13 anos e normalmente, elas ficam

## “CRIANÇAS EM UM CONTEXTO DE EXPLORAÇÃO DE TRABALHO ONDE A TRADIÇÃO SE MISTURA COM O CAPITALISMO”

Santa Catarina ficou na segunda posição em número de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos em situação de trabalho atrás apenas do Piauí.

Uma das causas do aumento do trabalho infantil no campo é a crise econômica em que o país se encontra, com a queda na renda de algumas famílias. A filha de mãe boia-fria e desenvolve o trabalho infantil no campo. “Dado o cenário econômico, o governo pague a dívida pública, melhore os serviços de saúde, com educação e com mais crianças trabalhando, porque sem dúvida nenhuma, repercute no futuro. O tempo para escola em tempo integral e os programas sociais vão diminuir as questões sociais, entre as quais s-



Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Santa Catarina é o segundo estado brasileiro com mais crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos em situação de trabalho

familiar, predominante no estado ha de dois produtores de leite. A rol e são levados pela marca de lo líquido por mês. A menina que ar a família aos oito. Vai para a es- le ajuda na ordenha das vacas - o ezes ao dia, a pressão do acúmulo animais. Quando ajuda a famí- la e o pai, faz um pouco de tudo. ão das vacas e dos bezerras e na Jennifer é a pessoa com a idade ondezias. Emerson\*, 15 anos, aju- Antes, os pais do garoto também mento das exigências para venda ação de gado. “Agora com o gado nsativo. Tirar leite dói as costas, nte tempo”, conta o garoto.

## CONTEXTO DA FAMÍLIA, DO TRABALHO E AS FORMAS DE PRODUÇÃO

posição entre os estados que têm 7 anos em situação de trabalho,

do trabalho infantil pode ser a e encontra e conseqüentemente, mílias. Soraya Franzoni Conde é olve estudos sobre o trabalho in- io da crise e a pressão para que a, através da diminuição de gas- e com a área social, nós teremos ue o corte em programas sociais, e sobre isso. Então, se o dinhei- l vai diminuir, se o dinheiro para uir, isso vai repercutir em várias e encontram o trabalho infantil”, afirma a pesquisadora.

Apesar de 90 escolas terem sido fechadas ano passado na área rural em Santa Catari- na, um dado que contrasta com essa situação é a de que 96% das crianças que traba- lham também estão estudan- do. “Embora a escola não dê conta de acabar com o tra- balho infantil, porque quan- do a criança sai da escola, se precisar, ela continua traba- lhando no final de semana e nas férias escolares, a gente sabe que o tempo que a crian- ça está na escola ela não está

trabalhando. Então, de qualquer forma, mesmo que não dê conta de acabar com o problema, a escola diminui consideravelmente o trabalho infantil”, explica Soraya.

O Centro de Educação e Evageli- zação Popular (CEDEP), é uma or- ganização não governamental que atende cerca de 370 crianças e ado- lescentes em vulnerabilidade social no bairro do Monte Cristo, em Florianópolis. Os adolescentes partici- pam de atividades educacionais no contraturno escolar. Elas vão para a escola em um período, e no outro fazem atividades promovidas pelo CEDEP. As crianças possuem entre 5 e 15 anos e são de vários bairros da cidade, mas as que têm prioridade são as que vivem na comunidade do Monte Cristo. Mônica Vieira Cabral trabalha no setor de serviço social da ONG e garante que a ideia de que a criança é um pequeno adul- to na capital do estado é tão forte quanto no interior.

“O trabalho infantil é uma cultu- ra mesmo da cidade, não só do inte- rior. A gente se engana. No interior, já tem aquela ideia preconcebida. Os filhos são feitos para trabalhar na lavoura e ajudar no sustento. Aqui criança é babá e assim deixa de ir para a escola e no projeto para cuidar dos irmãos. Na comunidade, acontece isso com 99% das nossas crianças. Eles também ajudam os pais em bar, na construção civil. E a gente tem que negociar com as famílias, porque é uma cultura que não dá pra romper simplesmente. Temos um controle de faltas, quan- do eles começam a não comparecer às atividades aqui, já começamos a ligar para ver o que está acontecen- do”, conta Mônica.

Júlia\* de 11 anos, é um exem- plo de algumas das meninas que moram na comunidade do Monte Cristo e que desde cedo realizam boa parte dos serviços domésti- cos. Participar das oficinas oferecidas pelo CEDEP e jogar futebol com as amigas são duas das atividades preferidas da pré-adoles- cente. Frequentemente reclama quando é obrigada a deixar de ir à ONG para cuidar da irmã mais nova. Apesar disso, Júlia entende que a ajuda que dá à mãe é necessária.

Tanto membros do CEDEP quanto outras pessoas da comu- nidade denunciam casos de trabalho infantil na região ao Con- selho Tutelar. Se for confirmado, as crianças são direcionadas ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil de Florianópolis, o PETI, que realiza há 15 anos o atendimento às famílias nesta situação. O principal desafio do programa é a identificação dos casos. “As famílias têm dificuldades de entendimento e a necessidade de consumo dos jovens dificulta tudo”, afirma a assistente social Isa- bella Régis da Silva, coordenadora do PETI de Florianópolis. Hoje o programa tem identificadas 190 crianças que trabalham em co- mércios familiares, ambulantes, serviços domésticos e constru- ção civil.

Na periferia de Palhoça, na Grande Florianópolis, todas as cin- co filhas da faxineira Odete, 51 anos, foram ensinadas a trabalhar, acompanhando a mãe nas casas, fazendo os serviços domés- ticos e, principalmente, cuidando das irmãs mais novas. Mesmo que o marido de Odete ajudasse nos afazeres domésticos, o casal trabalhava o dia inteiro e não tinha a quem recorrer para cuidar das crianças. Além da justificativa sobre a necessidade, Odete



- 1 - A madeira é retirada da mata próxima da propriedade
- 2 - Os fornos são vedados para o fogo se apagar sozinho
- 3 - O carvão passa por uma peneira que separa fragmentos e pó
- 4 - Após serem lacrados, os pacotes vão para distribuição

acredita que era positivo para as meninas aprender a trabalhar cedo. “Eu não sabia se elas iam casar e com quem. Teriam que trabalhar, então o melhor era que aprendessem o quanto antes”. Nenhuma das filhas chegou ao ensino médio. A mais velha, hoje com 32 anos, engravidou quando estava na 8ª série e parou de estudar.

A pesquisadora Soraya Franzoni afirma que hoje não há nenhum agricultor familiar no Estado que não esteja inserido no mercado capitalista. “A família tem que produzir a preços super baratos para o uso em quantidades maiores. Nisso entra o traba- lho da criança dentro da propriedade agrícola familiar. Então, o que você tem, crianças em um contexto de exploração da família, onde a tradição do trabalho pela experiência se mistura com as formas capitalistas de produção na atualidade”.

\*Os nomes dos entrevistados foram alterados

\*\* Entramos em contato com a carvoaria e não tivemos resposta

Amanda Reinert  
amanda.reinert94@gmail.com  
Ana Carolina Fernandes  
anacarolinafernandesm@gmail.com  
Dener Alano  
deneralano@gmail.com  
Luara Loth  
luaraw.loth@gmail.com